

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
(PUCCAMP, 1975/1987):
ANÁLISE DA ESTRUTURA GERAL DO DISCURSO(1)

Geraldina Porto Witter (PUCCAMP)

Antônios I. Térzis (PUCCAMP)

Raquel Lobo Souza Guzzo (PUCCAMP)

Saulo Monte Serrat (PUCCAMP)

Vera Lúcia Adami Raposo do Amaral (PUCCAMP)

RESUMO

WITTER, G.P.; TÉRZIS, A.I., GUZZO, R.L.S.; MONTE SERRAT, S. e AMARAL, V.L.A.R. Dissertações de Mestrado em Psicologia Clínica (PUCCAMP, 1975/1987): Análise da Estrutura Geral do Discurso(1). **Trans-in-formação.** Campinas, PUCCAMP, 1 (1): 65-79, jan./abr., 1989.

Foram analisados os componentes da estrutura geral do discurso de 62 dissertações de mestrado em Psicologia Clínica, defendidas na PUCCAMP (1975/1987), sendo 29 no enfoque comportamental, 27 no analítico e seis de domínio conexo. Encontrou-se tendência comum entre os vários enfoques. A estrutura mais frequentemente empregada foi: Introdução; Método; Resultados e Discussão; Resumo, **Abstract**; Índices; Anexos e Bibliografia.

Unitermos: produção científica, avaliação da universidade e psicologia clínica.

. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se insere em um programa de pesquisas de avaliação do Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP). Reflete a preocupação com a busca de melhoria na formação que oferece e da produção científica que nele se concretiza. Considerando as necessárias relações da Universidade com a sociedade é imprescindível que estas avaliações sejam concretizadas.

Em termos de avaliação há muitas questões por serem resolvidas no que diz respeito aos inúmeros procedimentos, de maior e menor validade e precisão científicas; à abrangência que pode ser macro ou micro e à variedade de metodologias disponíveis. Também, vale lembrar que os custos operacionais destas pesquisas de avaliação flutuarão de acordo com os as-

(1) Os autores agradecem aos pós-graduandos: Amália M. Cosac Queelho, Carla B. de Souza, Carmem Lúcia C. Gonçalves, Carmem Sílvia C. V. Canuto, Elaine B. G. de A. Leonel, Elaine Zorzi, Jacy L. de S. P. Antunes, Jorge A. Darini, Marcos Antonio Barg, Níone T. A. Oliveira, Norma C. do Nascimento, Rita de C. Ferramola e Francisco de A. F. Oliveira, pela colaboração na tabulação dos dados.

pectos referidos. Quanto às possíveis utilizações de resultados de pesquisas de avaliação já se tem um consenso. Espera-se que seus dados sejam levados em consideração na e pela administração dos cursos no desenvolvimento de condições que viabilizem superar as eventuais dificuldades e problemas, tanto quanto estimulem o crescimento futuro. Espera-se também que os envolvidos na produção científica (professores e alunos) cientes dos aspectos detectados aproveitem os dados para uma reflexão sobre a matéria e a levem em consideração na sua atuação futura. Finalmente, destas pesquisas devem decorrer também informações para o próprio desenvolvimento científico.

Dentro da referida programação de avaliação foi destacado um tópico a nível de micro-avaliação, que se, por um lado, permite subsidiar o referido repensar da universidade, por outro, cuida de um aspecto que só recentemente vem merecendo a atenção dos pesquisadores. Trata-se da análise do discurso científico.

Além disso, um estudo desta natureza pode contribuir para autores de livros sobre metodologia, professores desta disciplina, orientadores e orientandos, ou seja, para quantos tenham que produzir ou avaliar, de alguma forma, dissertações^{5,6,7,8}.

Independentemente da área de conhecimento, do problema estudado, de ser ou não gerado por hipóteses, do método empregado, de sua vinculação com o social, o trabalho científico acaba por requerer a elaboração de um discurso, cuja finalidade principal é a veiculação da informação aos cientistas e, posteriormente, à própria sociedade^{7,15,26}.

Evidentemente, o discurso científico não se circunscreve à forma escrita; ele ocorre em congressos, seminários, palestras, conferências e em encontros diversos sob a forma oral e mesmo sob a forma pictórica (gráficos, vídeo, cinema). Entretanto, é o discurso científico escrito que maior potencial tem para fazer chegar às audiências específica a informação relevante, de abrir a possibilidade de debate e de se constituir em um documento permanente o qual passa a ser elemento acrescido à curva acumulada da produção do conhecimento.

Na ciência, como em outras circunstâncias, como lembra Pais¹⁸ ocorrem recortes distintos, códigos operando paralelamente, resultando em diferentes sistemas de significação, os quais apesar das diferenças são coerentes e compatíveis entre si. No presente trabalho optou-se pela análise de sua modalidade escrita pelas razões já explicitadas anteriormente. Além disso, os vários sistemas propiciam a realimentação, uns dos outros, e tendo o discurso escrito propriedades que o tornam mais fácil de pesquisar em termos de mensuração, de réplica, de testes de fidedignidade parece ser esta uma opção particularmente válida quando se adentra a uma área do discurso ainda pouco conhecida.

Como lembra Mucchielli¹⁴, o discurso científico (como o pedagógico ou outro qualquer) visa a comunicação tendo por alvo modificar o poder, o saber, o saber fazer, ou o comportamento do receptor, ou ainda, levá-lo a compreender e posteriormente realizar ações compatíveis com o novo saber, atua desta forma também no poder e em suas relações com o fazer e o saber.

Para alcançar seus objetivos o discurso científico é redigido segundo normas distintas daquelas que norteiam outros tipos tais como o literário, o jornalístico, o comercial, o político. Também sua estrutura interior e geral requer normas distintas^{16,24,26}.

A base para a elaboração desse discurso sofre variações em cada área de conhecimento, as quais respeitam as peculiaridades da mesma e o consenso da comunidade científica que envolve o produtor e os receptores do relato. Também sujeitam-se ao tipo de documento que está sendo produzido. As regras para estruturar e até mesmo o número de páginas de que o autor pode dispor variam quando se trata de uma dissertação, de uma tese, de um artigo de revista, de um resumo para comunicação em congresso, ou de um relatório para empresa ou órgão de fomento^{6,7,13}.

Das várias maneiras pelas quais se concretiza o discurso científico escrito em um curso de pós-graduação, devem merecer especial atenção as teses e dissertações dos seus alunos. São documentos que refletem a formação que tiveram e, via de regra, constituem a primeira contribuição expressiva e individual dos mesmos. Esta proposição é particularmente pertinente em relação às áreas onde a tradição de pesquisa (especialmente na graduação) é restrita.

Por este motivo optou-se por fazer a análise desta produção de vários ângulos. Entre as proposições do programa de pesquisas, já referido, colocou-se o objetivo da presente pesquisa. São eles: levantar a utilização das várias unidades de estrutura de discurso nas dissertações de mestrado do referido curso; verificar como isto ocorre nos enfoques diversos (analítico, comportamental, outros) e qual a estrutura geral do discurso empregada para a organização dos documentos apresentados para sua defesa.

MÉTODO

O presente trabalho consistiu em uma pesquisa documental^{22,23} de fontes primárias⁵ compreendidas pelas dissertações de mestrado defendidas no curso de Pós-Graduação em Psicologia, área de concentração em Psicologia Clínica, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

O ano de 1972 assinala, na PUCCAMP, o início dos cursos de pós-graduação "stricto sensu". O primeiro a ser organizado foi o de Psicologia Clínica.

A proposta para os cursos de pós-graduação da PUCCAMP é bastante clara: tais programas visam a formação de docentes e pesquisadores de alto nível, nos diferentes ramos do saber¹⁵.

Nas normas de credenciamento dos mencionados cursos faz-se alusão a dois ciclos de estudos, incluindo as áreas de concentração propriamente ditas e as de domínio conexo; essas referem-se à qualquer matéria não pertencente aquele campo, ou seja, ao da área de concentração, mas considerada conveniente ou necessária para completar a formação discente²¹.

Além da sua pesquisa de dissertação o aluno ao longo do curso faz pesquisas em várias disciplinas e participa de investigações feitas por docentes do curso.

Satisfeito o programa prescrito e obtidos os créditos necessários, o aluno para a obtenção do título de mestre deve apresentar uma dissertação escrita (PUCCAMP, 1986).

– Caracterização geral dos documentos

As dissertações analisadas compreendem material graficamente variado quanto a sua forma de apresentação e constam do acervo da biblioteca do referido curso. Pelos registros acadêmicos de dezembro de 1975, data da primeira defesa, até junho de 1987, quando foi encerrada a coleta da presente pesquisa, haviam sido defendidas 93 dissertações. Todavia, no momento da coleta algumas não foram localizadas quer por estarem emprestadas, quer por terem se extraviado por alguma razão. Assim, a análise aqui apresentada referiu-se aos 73 documentos efetivamente encontrados na Biblioteca na ocasião, ou seja, a 78% do material teoricamente disponível, mas mesmo assim, ao longo da procura, por circulação ou deslocamento de material alguns não foram avaliados. Efetivou-se a análise de apenas uma amostra das dissertações, em um total de 62 documentos, sendo que eles representavam 75% dos trabalhos de domínio conexo (N=6); 90% dos Analíticos (N=27) e 82,9% dos Comportamentalistas (N=29), totalizando 67% do total de documentos registrados.

– Procedimento

A análise dos documentos foi feita pela ordem sequencial do mais antigo para o mais recente, em cada uma das áreas referidas. A tabulação foi realizada por um pós-graduando que trabalha no modelo, checada por outro, os quais em caso de dúvida consultavam um docente de pós-graduação. Finalmente, foi feita uma checagem final.

A tabulação foi feita seguindo-se categorias que permitissem alcançar os objetivos propostos para a presente avaliação.

– Categorias de Estrutura

A dissertação de mestrado é um tipo de discurso científico que mantém muitos pontos formais em comum com o discurso tese (usualmente empregado para doutorado e livre docência) diferindo quanto ao nível de complexidade e de profundidade em que a matéria é tratada, sendo exigida originalidade e maior criatividade no caso das teses. Todavia, em alguns casos estas diferenças podem não estar presentes. O presente trabalho focalizou as dissertações.

O discurso científico denominado dissertação pode ter uma estrutura variada, com títulos e subtítulos distintos. Foram definidas para a análise:

a) **Apresentação** – que também pode aparecer com as denominações de **Prefácio**, de **Introdução** e cujo conteúdo predominantemente situa o trabalho para o leitor; justifica-o do prisma científico, social, pessoal; explicita as circunstâncias em que foi realizado; informa sobre a estrutura geral dada ao discurso; podendo incluir também os agradecimentos e outros informes gerais que o autor considere útil ao leitor para uma adequada percepção global de seu trabalho. Evidentemente alguns destes elementos podem estar ausentes quer porque o autor optou por deslocá-lo para outra parte, quer por não ter julgado imprescindível a informação para a compreensão da dissertação, quer até por não querer fazer antecipações controladoras da atenção e da motivação do leitor, ficando este controle a cargo das partes mais importantes do trabalho. Não deve ser numerado como capítulo, embora isto possa ocorrer^{3,6}.

b) **Marco Teórico** – os manuais de metodologia^{8,10,24,26} da ciência, quando focalizam os elementos componentes do discurso científico enfatizam que deve constar uma parte relativa à apresentação de conceitos, variáveis, aspectos teóricos, revisão da literatura. Evidentemente não é este título que irá aparecer encabeçando a matéria, se ela for muito estreitamente ligada ao próprio título e não for muito longa, o rótulo **Introdução** cabe-lhe muito bem. Nesta opção, a parte anterior aparecerá com outro título (Apresentação ou Prefácio). Caso, seja longa, compreendendo vários títulos e sub-títulos os quais, muitas vezes, começam por um contexto mais amplo, a opção por títulos específicos é preferível.

c) **Método** - é a parte ou o capítulo em que o autor descreve o percurso metodológico seguido no decorrer de seu trabalho, devendo ficar evidente sua relação com os objetivos ou hipóteses de pesquisa (em geral, parte final da Introdução). Aqui devem ser explicitadas: as variáveis relevantes dos sujeitos, dos materiais e instrumentos empregados na coleta, da situação de coleta e procedimentos usados para realizá-la. Algumas vezes, o título **Metodologia** o qual deveria ser reservado ao estudo do método ou as pesquisas metodológicas, tem sido empregado para designar a parte do discurso em que o método específico de uma dada pesquisa foi descrito. O importante

é que o seu conteúdo explicita exatamente o que foi feito, de forma operacional, para garantir a comunicação e a réplica científica^{2,25}.

c) **Resultado** – é a parte do discurso destinada à apresentação dos dados encontrados e sua análise qualitativa e/ou quantitativa, incluindo as hipóteses estatísticas e os parâmetros de comparação. É importante que sejam indicados com precisão os procedimentos de análise e todos os dados pertinentes e que viabilizem as respostas aos objetivos da pesquisa²².

d) **Discussão** – é o espaço em que o autor interpreta os resultados, compara-os com os de outros estudos e prevê implicações para a teoria, a prática e para as pesquisas subsequentes.

e) **Resultados e Discussão** – podem aparecer como um único tópico, cabendo a decisão de separação ou junção ao próprio autor. O tipo de dados, o volume de informações e as características do meio escolhido para publicação são variáveis que influem nesta decisão^{10,12}.

f) **Conclusão** – em geral a nível de teses e dissertações encontra-se um capítulo que fecha o discurso sintetizando as principais conclusões e implicações. Este conteúdo pode não aparecer como capítulo ou parte distinta, vindo como a parte final da discussão. Este capítulo também pode aparecer com outra denominação, dependendo da amplitude e do destaque que o autor lhe queira dar. Neste último caso, pode aparecer como Capítulo Final ou com outro título qualquer.

g) **Resumo** – é uma parte relevante do discurso científico especialmente pelo que representa em termos de recuperação da informação. Para facilitar este processo deve explicitar claramente os objetivos, o método, os resultados e as principais conclusões. Em uma dissertação ou em uma tese espera-se que apareça pelo menos em duas línguas, aquela em que o trabalho foi escrito e uma que abranja um público mais amplo. Considerando que as obras de indexação deste tipo de documento usam o inglês e que parte predominante da literatura científica é escrita nesta língua, é a mais empregada. Às vezes a denominação **Sumário**² aparece para designar esta parte do discurso. Também vale lembrar que a estrutura interna deste componente do discurso varia com a metodologia e natureza do trabalho.

h) **Sumários ou Índices** diversos facilitam sobremaneira a consulta da obra. O índice é uma relação de tópicos com a página em que a matéria tem início. Muitas vezes, aparece com denominações como: **Sumário, Índice Geral, Tábua de Conteúdo**. Outros índices frequentemente empregados são os de tabelas, figuras e anexos. É o que Barros e Lehfeld³ chamam de esqueleto do trabalho.

i) **Anexos e apêndices** – são complementos que apresentam dados básicos (tabulação), instrumentos e informes complementares, no primeiro caso, e mais elaborados como relato completo de uma pré-pesquisa, no segundo. Mas podem ser usados sem esta discriminação do nível da informa-

ção, como se fossem sinônimos.

j) **Referências Bibliográficas** – complementando o trabalho é imprescindível que o autor arrole todos os textos que serviram de suporte da informação que usou para elaboração de seu próprio discurso¹. Há vários modelos e normas que poderá seguir, devendo manter a mesma ao longo do trabalho. Quando a dissertação é defendida em uma instituição que estabelece a obrigatoriedade de seguir uma dada norma esta será a empregada pelos que nela defenderem suas teses e dissertações. Caso a instituição ofereça liberdade de opção ao autor a ele cabe a escolha, mas feita a escolha o autor deve manter-se coerente com o nela estabelecido ao longo de todo o trabalho. Muitas vezes, os autores usam como sinônimo de Referências Bibliográficas o vocábulo **Bibliografia**, que seria o conjunto de fontes bibliográficas sobre um assunto levantadas de acordo com metodologia específica.

Outras vezes, além das referências acrescentam Bibliografia Consultada. Todavia, isto é desnecessário posto que evidentemente, sempre a parte de referências é muito menor do que o autor leu e nunca o bom leitor e escritor será capaz de arrolar todas as informações que direta ou indiretamente contribuíram para a sua produção.

No curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUCAMP é dada ao mestrando ampla liberdade de opção quanto a forma pela qual referenciará seu suporte bibliográfico, desde que as informações que viabilizem a recuperação da informação estejam presentes. Certamente esta é uma responsabilidade do autor da dissertação¹⁰.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos aparecem na Tabela I em termos de percentuais obtidos para as categorias analisadas, em separado pelos três enfoques psicológicos e para o total das dissertações estudadas.

TABELA I

ESTRUTURA DAS DISSERTAÇÕES DE MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA NA PUCAMP: Percentual de ocorrência das várias possibilidades por unidade estudada.

ASPECTOS (Capítulo)	E ENFOQUE			TOTAL (N=62)
	Conexa (N=6)	Analfítica (N=27)	Comportamental (N=29)	
1. Apresentação/Prefácio				
Não existe o capítulo	83,3	66,7	79,1	74,2
Existe com outro título	16,7	3,7	-	3,2
Apresentação	-	18,5	20,7	17,7
Prefácio	-	11,1	-	4,8
2. Introdução/Marco Teórico/Título Específico				
Não existe o capítulo	16,7	3,7	-	3,2
Introdução	83,3	96,3	100,0	96,8
Marco Teórico	-	-	-	-
Títulos Específicos	-	-	-	-

3. Método/Metodologia				
Não existe o capítulo	33,3	18,5	3,4	12,9
Existe com outro título	-	3,7	-	1,6
Método	50,0	48,1	86,2	66,1
Metodologia	16,7	29,6	10,3	19,4
4. Resultados - Discussão				
Não existe o capítulo	16,7	18,5	-	9,7
Não existe informação	-	7,4	3,4	4,8
Existe com outro título	16,7	3,7	-	3,2
Resultados e Discussão (juntos)	-	18,5	10,3	12,9
Resultados-Discussão (em caps. separados)	66,7	51,8	86,3	69,3
5. Conclusão/Capítulo final				
Não existe o capítulo	16,7	7,4	37,9	22,6
Não existe informação	-	3,7	-	1,6
Existe com outro título	-	11,1	-	4,8
Conclusão	83,3	74,1	58,6	67,7
Capítulo Final	-	3,7	3,4	3,2
6. Resumo				
Não existe	-	29,6	-	12,9
Existe só em português	16,7	11,1	3,4	8,1
Existe só em inglês	16,7	3,7	-	3,2
Existe em ambas as línguas	66,7	55,6	96,6	75,8
7. Índice				
Geral	100,0	100,0	89,7	95,2
Figuras	33,3	18,5	79,3	48,4
Tabelas	16,7	29,6	62,1	43,5
Anexos	16,7	25,9	79,3	50,0
Apêndices	-	7,4	-	3,2
8. Anexos/Apêndices				
Não existe	16,7	33,3	24,1	27,4
Anexos	50,0	48,1	75,9	61,3
Ambos	-	3,7	-	1,6
9. Referência Bibliográfica				
Não apareceu como parte separada	-	3,7	-	1,6
Não especificou título	16,7	14,8	-	8,1
Referência Bibliográfica	66,7	33,3	6,9	24,2
Bibliografia	16,7	48,1	93,1	66,1

O primeiro item mostra a situação da **Apresentação**. Observe-se que no total das 62 teses analisadas, independente da área a que pertencem, que em quase três quartos dos casos (74,2%) não existe este capítulo, sendo nos casos dessa existência mais utilizado o título **Apresentação** (17,7%), seguido de **Prefácio** (4,8%).

Observando o comportamento dentro de cada área verifica-se a ausência quer do título **Prefácio** quer do **Apresentação** nas dissertações da área conexas, sendo que quando existiu um capítulo com este propósito ele recebeu o título de **Reflexão Pessoal** (16,7%). Nas obras das áreas analítica e comportamental foram mais frequentes o título **Apresentação** (18,5% e 20,7% respectivamente) surgindo o título **Prefácio** apenas na área analítica (11,1%) onde também surgiu o título **Prólogo** (3,7%). A ausência deste capítulo em todas as áreas foi muito grande, no mínimo dois terços das dissertações analisadas (conexas 83,3%, analítica 66,7%, comportamental 79,3%).

Os dados indicam que não tem havido uma preocupação marcante entre os mestrandos para situar seu trabalho e direcionar a leitura de seu leitor. Neste último caso, pode estar havendo um cuidado ou preocupação para não exercer controle sobre a audiência^{4,8,9,19}, todavia, dependendo do conteúdo e de como está redigida a informação este controle pode ser bastante atenuado pelo autor. Também é plausível considerar que os autores tenham omitido esta parte face à audiência a que se destina uma dissertação, da qual se espera sejam bons leitores, portanto, com características^{8,17} que dispensam maior apoio e orientação para o domínio do texto. Seria necessária uma pesquisa de campo para detectar o possível efeito destas variáveis na decisão de inclusão ou omissão deste tópico no discurso.

Quando o componente em questão apareceu fazendo parte da estrutura do discurso ocorreu predominantemente como **Apresentação**, denominação mais adequada dentre as que aparecem usadas para encabeçar o mesmo conteúdo. Via de regra, o Prefácio é escrito frequentemente por outra pessoa que não o próprio autor do texto principal, o que não é o caso de dissertações em que todo o discurso é escrito por uma só pessoa.

A situação do capítulo **Introdução/Marco Teórico/Título Específico** mostrou que do total das 62 obras analisadas, independente da área a que pertençam, na quase totalidade delas (96,8%) existe o capítulo com o título **Introdução**. Nas restantes 3,2% dos textos não existe este capítulo. Este fato se repete quando analisamos as dissertações por área. Na área conexa, 83,3% delas possuem o capítulo com este título, na área analítica 96,3% e na área comportamental a totalidade o possui.

A opção pela denominação **Introdução** reflete uma tradição de estrutura de discurso científico na área quer na forma de teses, quer de dissertações, quer de artigos de revistas. O seu não aparecimento pode ter sido reflexo de trabalhos que não relatam pesquisas. A ausência da denominação **Marco Teórico** denota, por um lado, leitores que não leem apenas as linhas de textos sobre como elaborar um discurso científico, por outro, indicam um conhecimento e aceitação dos padrões mais empregados na área.

No que concerne ao capítulo **Método** foi observado que nem todas as dissertações o possuem. Considerando-se as 62 obras independente da área a que pertençam, em 12,9% delas não apareceu este capítulo e nas restantes ocorreu com o título de **Método** (66,1%) e de **Metodologia** (19,4%) ou então o capítulo que desempenha este papel recebeu outro título (1,6%).

Observando-se o comportamento das obras conforme a área a que pertencem vê-se que no máximo, um terço dos casos de cada área (Conexa, 33,3%, Analítica, 18,5%, Comportamental, 3,4%) não possuem este capítulo. Naquelas em que existem, o título mais frequente é **Método** (Conexa, 50,0%; Analítica, 48,1%; Comportamental, 86,2%) seguindo-se o título **Me-**

metodologia (Conexa, 16,7%; Analítica, 29,6%; Comportamental 3,7%) sendo que na área Analítica há um caso, representando 3,7% das dissertações da área, em que o capítulo com esta função recebeu o título de **Desenvolvimento**.

A grande ocorrência do capítulo explica-se pelo fato de predominarem no curso as dissertações que relatam pesquisas, para cujo discurso ser completo é imprescindível contar com um capítulo com este conteúdo. Nos demais casos, pode-se tratar de textos de revisão de literatura, de reflexão sobre um tema ou problema de Psicologia Clínica, não havendo necessidade de se explicitar a trajetória metodológica seguida pelo autor.

O predomínio da utilização de **Método** indica uma marcante compreensão da distinção do todo (Metodologia) em relação a sua parte (Método) e uma adequada assimilação dos conceitos pertinentes, de domínio etimológico da língua e da própria tradição de produção de discurso científico na área.

Evidentemente, os capítulos referentes a **Resultados e Discussão** dos mesmos só se justificam em dissertações que relatam pesquisa. Nestas circunstâncias, havendo dissertações que não são deste tipo explica-se que, no domínio Conexa, 16,7% dos trabalhos analisados este capítulo não tenha sido registrado, nas comportamentais todas apresentaram este componente do discurso. O mesmo ocorreu na área de Analítica com 18,5% e no total com 9,7% das dissertações. Também verificou-se que a informação a nível de indicação de título ou subtítulo, não foi encontrada em 7,4% das dissertações no enfoque psicanalítico e em 3,4% das comportamentais, em um total de 4,8%.

A utilização de outros títulos que não os convencionais foi rara (3,2% do total) tendo ocorrido mais na área conexa (16,7%), com baixo percentual na área analítica (3,7%) e sem qualquer utilização pelos behavioristas. Quando outros títulos foram usados os autores recorreram a rótulos como *Análise do Caso e Análise*.

Conforme os dados da Tabela I indicam a tendência prevalecente foi para descrever **Resultados** em um capítulo e a **Discussão** dos dados em outro. Realmente isto ocorreu no total (69,3%) das dissertações e em cada enfoque, sendo de 66,7% na área Conexa, 51% na Analítica e 86,3% na Comportamental. A opção por esta solução possivelmente decorreu da extensão que o discurso dissertação pode ter e pela própria natureza dos dados. Também pode ter influído aqui a maior facilidade de composição ou mesmo de editoração¹³. Outra variável que pode ter sido considerada, ainda que remotamente, pelos mestrandos é que desta forma permite-se ao leitor uma primeira interpretação, mais independente daquela feita pelo autor do trabalho.

A situação do capítulo **Conclusão**, considerando-se o total de 62 obras, independente da área a que pertencem (Tabela I) mostrou que em 22,6% não existia este capítulo e naquelas dissertações em que apareceu o

título mais frequente foi mesmo **Conclusão**(67,7%) seguido de capítulos com outros títulos (4,8%) e de **Capítulo Final** (3,2%), sendo que em 1,6% dos casos não foi colhida informação sobre a existência ou não de capítulo com a finalidade referida na descrição do método do presente estudo. A análise dos documentos dentro das diversas áreas permitiu verificar que na maioria dos casos o capítulo recebeu o título de **Conclusão** (Conexa, 83,3%; Analítica, 74,1%; Comportamental, 58,6%) sendo poucos os casos com o título **Capítulo Final** (Analítica, 3,7% e Comportamental, 3,4%). Em algumas das dissertações não existia o capítulo Conexa, 16,7%; Analítica, 7,4% e Comportamental, 37,9%) e apenas em 3,7% das obras analíticas não havia informações a respeito. Também entre as dissertações analíticas houve casos em que o capítulo recebeu outros nomes: **Conclusão Geral** (3,7%) e **Conclusões Finais** (7,4%).

O fato de existir uma expressiva porcentagem de trabalhos sem o citado capítulo decorre de uma estratégia muito frequentemente empregada em teses, dissertações e especialmente em artigos de revistas. Quando esta estratégia é empregada as conclusões e implicações da pesquisa ou estudo já aparecem embutidas ou como parte integrante dos capítulos anteriores. Neste caso, pode ser usado um sub-título como marca gráfica, ou apenas uma marca linguística, via de regra uma estrutura frasal (Pode-se concluir que...: Em síntese concluiu-se que...).

Todavia, face a natureza do discurso parece que a opção mais frequente foi, no presente caso, pela apresentação da matéria em capítulo separado, independentemente do enfoque teórico de sustentação do discurso.

Quanto ao **Resumo** a análise mostrou que poucas são as dissertações em que esta parte do discurso foi omitida (12,9% do total) e tenderam a ocorrer entre as dissertações de enfoque analítico (29,6%) e mais entre as primeiras defendidas na instituição.

A grande maioria dos trabalhos apresenta esta importante parte do discurso em termos de comunicação e de recuperação da informação, tanto em português como em inglês (75,8%). No todo, 8,1% dos documentos analisados apresentaram apenas resumo em português (16,7% da área Conexa; 11,1% da Analítica; 3,4% da Comportamental). Apareceram resumos só em inglês em 16,7% das dissertações de área Conexa e em 3,7% da área Analítica).

Os dados evidenciam que, de um modo geral, vem ocorrendo um adequado cuidado com este aspecto do discurso especialmente nos últimos anos, sendo marcante a preocupação com a divulgação em língua inglesa.

No presente estudo não foi feita uma análise da denominação dada nos índices. Apenas registrou-se sua existência e a que tipo de conteúdo ele se referia. Os resultados expressos na Tabela I mostram que esta característica da estrutura desta modalidade de discurso esteve adequadamente cuidada nos documentos analisados.

Realmente, a grande maioria dos trabalhos (95,2%) incluiu um Índice Geral (100% Conexa; 100% Analítica; 89,7% Comportamental).

Índices de Figuras apareceram em 48,4% das dissertações (33% Conexa; 18,5% Analítica; 79,3% Comportamental) e de tabelas em 43,5% (16,7% Conexa; 29,6% Analítica, 62,1% Comportamental) e 50% incluíram também Índice de Anexos (16,7% conexa, 25,9% Analítica e 79,3% Comportamental). Além disso, 7,4% d linha Analítica incluiu um índice de Apêndices. De um modo geral, foi registrada uma crescente preocupação com o facilitar o trabalho de consulta ao documento produzido pelo mestrando. Todavia, cabem pesquisas qualitativas quanto à organização dada aos índices, sua abrangência, necessidade e formalização.

Anexos e Apêndices são dados e informações complementares ao discurso-dissertação e permitem uma comprovação, uma revisão, um reexame ou outras análises. Espera-se que pelo menos a nível de comissão examinadora sejam parte integrante dos documentos que relatam pesquisa. Esta preocupação é patente nas dissertações analisadas. Isto se reflete nos dados contidos na Tabela I que apresenta informações sobre a existência ou não de **Anexos/Apêndices**. Verificou-se que, no total das 62 obras independente da área a que pertencem, em pouco mais de um quarto delas (27,4%) não existem **Anexos/Apêndices**, sendo mais frequente a existência de **Anexos** (61,3%) seguido da de **Apêndices** (9,7%). Em apenas 1,6% dos textos foi apresentado tanto **Anexos** como **Apêndices**. Analisando-se os documentos dentro de suas áreas constatou-se que das Comportamentais ou não possuíam (24,1%) ou, tendo apresentavam como **Anexos** (75,9%), enquanto que as obras Conexas apresentam casos como **Apêndices** (33,3%) além de 50,0% delas com Anexos e 16,7% delas em que não existia nenhum deles.

Dissertações do enfoque analítico em 3,7% dos casos apresentaram tanto **Anexos** como Apêndices. O terço restante (33,3%) não possuía uma ou outra.

A parte relativa ao suporte bibliográfico usado nas dissertações também aparece expressa na Tabela I. Conforme os dados indicam, na grande maioria dos documentos a opção foi por apresentar o rol dos textos usados em parte destacada do trabalho, ou sob o título de **Bibliografia** (66,1%) ou sob a denominação de **Referências Bibliográficas** (24,2%), ou ainda sem atribuir-lhe um título (8,1%). Apenas 1,6% dos trabalhos analisados não fizeram este destaque vindo o apoio bibliográfico no corpo do trabalho, em forma de rodapé ou nota complementar. Certamente, esta estratégia embora aceita não dispensa o arrolar das fontes no final do discurso, mas apenas um número limitado de dissertações apresentou-se nestas condições.

Em termos de cada enfoque verificou-se na área Conexa preferência pelo título **Referências Bibliográficas** e nas demais por **Bibliografia**, sendo esta a opção quase que do total das dissertações no modelo Com-

portamental. Os dados sugerem a necessidade de um repensar a matéria pelos responsáveis pelo curso de modo a tornar mais efetiva a comunicação neste aspecto.

Variáveis diversas podem ter influído nas opções de estrutura aqui levantadas, já se tendo mencionado algumas. Cabe ainda lembrar que é do autor a decisão tomada neste caso, posto que a instituição viabiliza liberdade de decisão para o mestrando. Todavia, há que se mencionar que nesta etapa da formação do pesquisador esta decisão é compartilhada com o orientador.

É muito complexa a relação orientando-orientador, certamente, a formação, a personalidade, a afetividade, de ambos constituem variáveis determinantes não apenas da relação como também do produto que se concretiza sob a forma de dissertação. Seria relevante estudar como estas variáveis influem na estrutura geral dada à dissertação e o grau de influência do orientador na tomada de decisão. Pesquisas de psicologia da ciência poderiam esclarecer sobremaneira como estas interações humanas influem não apenas no discurso, mas em todo o saber-poder - fazer da ciência.

Em síntese, pode-se concluir que a estrutura geral predominante dos discursos estudados compreendeu as seguintes partes e/ou capítulos: **Discussão; Conclusão; Resumo e Abstract; Índices; Anexos e Bibliografia.** Também pode-se concluir que a tendência para usar esta estrutura foi muito similar nos enfoques distintos.

Sugere-se a necessidade e análise da estrutura intrínseca de cada componente da estrutura geral e das articulações entre eles para um aprofundamento do conhecimento destes aspectos do discurso em psicologia clínica. Há também necessidade de focar as variáveis extrínsecas ao próprio discurso que influem na opção por esta ou aquela estrutura, bem como nas vantagens e desvantagens para autor e leitor das possibilidades referi-

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMORIM, Maria José Theresa de. **Bibliographic References: A Critique of Style Manuals for the Preparation of Theses and Dissertations.** Defendida em Case Western Reserve University, USA, 1980. Tese e Doutorado.
2. ANDERSON, Barry F. **O experimento em psicologia: uma introdução ao método científico.** Trad. do original norte-americano de 1966 por E. L. Cruz e A. A. da Silva. São Paulo, EPU, 1977.
3. BARROS, Aidil Jesus Paes de & ELLEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia: um guia para a iniciação científica.** São Paulo, Mac-Graw-Hill, do Brasil, 1986.
4. BUTTERWORTH, E. **Language Production; Development, Writing and Other Language Processes.** New York, Academic Press, 1983.

5. CASTRO, Cláudio de Moura. **A prática da pesquisa.** São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1977.
6. DREW, Clifford J. **Introduction to Designing and Conducting Reserach.** St. Louis, C.V. Mosby Company, 1980.
7. DREW, Clifford J. & HARDMAN, Michael L. **Designing and Conducting Behavioral Research.** New York, Pergmnon Press, 1985.
8. ECO, Umberto. **Como se faz uma tese.** Trad. do original italiano de 1977 por C.G.C. de Souza. São Paulo, Ed. Perspectiva 1983.
9. FREEDMAN, Aviva; PRINCIE, Ian & YALDEN, Janice. **Learning to Write: First Language - Second Language.** New York, Longman, 1983.
10. GRANDALL, Rick. Editorial responsibilities in manuscript review. **The Behavioral and Brain Sciences**, 5 (2): 207-208, 1982.
11. GRANJA, Elza Corrêa. **Normalização de referências bibliográficas: manual de orientação.** São Paulo, IP-USP, 1987.
12. HANDY, Rollo. **Methodology of the Behavioral Sciences: Problemas and Controversies.** Illinois, Charles C. Thomas Publ. 1964.
13. KOTAIT, Ivani. **Editoração científica.** São Paulo, Ática, 1981.
14. MUCCHIELLI, Roger. **A formação de adultos.** Tradução do original francês de 1975 por J.M.C. Pucheu. São Paulo, Martins Fontes, 1981.
15. NAVARRO RIVES, C. E MONTEIRO DE CASTRO, C.L. Pós-Graduação e comunicação escrita. **Revista Brasileira de Medicina**, Rio de Janeiro, 8(1): 9-18, 1984.
16. NOLAND, Robert L. **Research and Report Writing in the Behavioral Sciences.** Illions, Charls C. Thomas, Publ. 1970.
17. OAKHILL, Jane & GARNHAM, Alan. **Becoming a Skilled Reader.** New York, Basil Blackwell, 1988.
18. PAIS, Cidmar T. Estrutura do poder dos discursos: elementos para uma abordagem sócio-semiótica. **Língua e Literatura**, 7: 39-50, 1978.
19. PUCCAMP. **Catálogo dos cursos de pós-graduação.** Campinas: PUCCAMP, 1986.
20. PULLIN, Elsa Maria Mendes Pessoa. Audiência e repertório verbal: um estudo com pré-escolares carentes culturais. São Paulo, IP-USP. 1978. Tese de Mestrado. Tese (mestrado).
21. ROITMAN, R. Reflexões sobre o processo ensino-aprendizagem. **Educação Brasileira** 5, (20): 62-4, 1976.
22. RUMMEL, J. Francis. **Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação.** Trad. do original norte-americano de 1964 por J. A. Cunha, 3ª ed. Porto Alegre, Globo, 1977.

23. SALAZA, Maristella J. La investigación documental como estrategia metodológica. **Revista de Investigación Educativa**, 8(18): 67-72, 1977.
24. SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico: diretrizes para o trabalho didático-científico na Universidade**. 3ª ed. São Paulo, Cortez & Moraes, 1978.
25. SIDMAN, Murray. **Táticas da pesquisa científica: Avaliação dos dados experimentais na psicologia**. Trad. do original norte-americano de 1960 por M.E. Paiva. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1976.
26. TRUJILLO FERRARI, Alfonso. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1982.
27. WRIGHT, George and FOWLER, C. **Investigative Design and Statistics**. New York, Penguin Books, 1986.

SUMMARY

WITTER, G.P.; TÉRZIS, A.I.; GUZZO, R.L.S.; MONTE SERRAT, S. e AMARAL, V.L.A.R. Master dissertation in Clinical Psychology (PUCCAMP, 1975/1987): General Structure Analysis of the Discourse. **Trans-in-formação**. Campinas, PUCCAMP, 1 (1): 65-79, jan./abr., 1989.

An analysis on the components of general discourse structure was made on 62 master dissertations in Clinical Psychology presented at PUCCAMP (1975/1987); 29 were about behavioral model, 27 analytical model and six of related area. A common tendency was verified in all areas. The most frequent structure was: Introduction; Method; Results and Discussion; **Resumo** (Abstract in Portuguese), Abstract; Index; Appendix and Bibliography.

Key Words: discourse analysis, scientific production, educational evaluation, clinical psychology, documental analysis.